

## INTERSECCIONALIDADES NO ENSINO DE MATEMÁTICA: DIÁLOGOS SOBRE RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE NA PRÁTICA DOCENTE

Manoel Francisco do Rego Neto<sup>1</sup>  
Joilson Carneiro Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho propõe uma análise crítica sobre o ensino de Matemática a partir das intersecções entre raça, gênero e sexualidade. Considerando que a disciplina é muitas vezes tratada como neutra e alheia a construções ideológicas, busca-se evidenciar como práticas pedagógicas tradicionais podem reforçar exclusões e silenciamentos. A ausência de representatividade nos conteúdos, a naturalização de padrões normativos e a invisibilidade de sujeitos historicamente marginalizados revelam um cenário que demanda revisão. A partir dessa perspectiva, o texto se dedica a discutir caminhos possíveis para a construção de uma prática docente mais comprometida com a diversidade, com a inclusão e com o reconhecimento das múltiplas identidades que compõem o espaço escolar. Com isso, defende-se que a educação matemática deve ser atravessada por olhares mais atentos às desigualdades, contribuindo para uma formação mais sensível e democrática.

**Palavras-chave:** diversidade; educação; gênero; interseccionalidade; raça.

**Área Temática:** Educação Básica, Gênero e Sexualidade

### INTRODUÇÃO

O ensino de Matemática tem sido, historicamente, tratado como uma área do conhecimento marcada pela objetividade e pela neutralidade. Contudo, essa visão desconsidera as influências sociais e culturais que atravessam sua prática pedagógica. No contexto escolar, percebe-se que a Matemática não é apenas um saber técnico, mas também um campo atravessado por relações de poder,

---

<sup>1</sup> Graduado no Curso de Matemática Licenciatura da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [mneto2030@gmail.com](mailto:mneto2030@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduado no Curso de Matemática Licenciatura da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, [joilsoncs16@gmail.com](mailto:joilsoncs16@gmail.com)

que impactam de forma significativa a experiência dos sujeitos, especialmente quando se consideram marcadores como raça, gênero e sexualidade (Gomes, 2021, p. 3).

As relações de opressão e privilégio se manifestam de diversas formas nas aulas de Matemática: desde a ausência de representatividade nos materiais didáticos até a naturalização de normas cis-heteronormativas e eurocentradas (Barros, 2020, p. 104). Nesse sentido, torna-se urgente refletir sobre como essas estruturas influenciam o desempenho, a permanência e o pertencimento dos estudantes.

Práticas pedagógicas sensíveis às questões de identidade têm demonstrado potencial para transformar o espaço escolar em um lugar mais inclusivo e acolhedor (Fonseca, 2022, p. 6). Entretanto, há ainda resistências institucionais e epistemológicas que dificultam a inserção dessas perspectivas nos currículos escolares. A ideia de uma Matemática "pura" e universalizada contribui para a perpetuação de desigualdades simbólicas, desconsiderando a existência de sujeitos diversos.

Ao problematizar essas questões, este trabalho busca contribuir para o fortalecimento de uma educação comprometida com a justiça social. Dessa maneira, o ensino de Matemática é aqui entendido como um campo de disputa e de possibilidade. Disputa, porque as relações de poder nele existentes podem (re)produzir exclusões. Possibilidade, porque a inserção de olhares interseccionais pode ressignificar sua prática e abrir caminhos para uma educação mais equitativa, emancipada e plural.

## OBJETIVO

Este trabalho tem como **objetivo geral** analisar como as interseções entre raça, gênero e sexualidade influenciam o ensino de Matemática, especialmente no que tange às práticas pedagógicas que contribuem para a reprodução ou para o enfrentamento das desigualdades escolares.

Como **objetivos específicos**, busca-se:

a) identificar de que forma materiais didáticos e discursos pedagógicos incorporam (ou omitem) as questões relacionadas à diversidade; b) compreender como professores e professoras percebem e atuam diante das diferenças de raça, gênero e sexualidade nas aulas de Matemática; c) apontar possibilidades para uma educação matemática mais sensível às interseccionalidades.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que utiliza a revisão bibliográfica como principal procedimento metodológico. Foram selecionadas 12 obras de reconhecida relevância teórica, incluindo livros e artigos científicos publicados em revistas especializadas na área da Educação e da Educação

Matemática. A seleção do material considerou a pertinência das discussões aos temas de raça, gênero e sexualidade no ensino de Matemática, priorizando produções publicadas nos últimos cinco anos. A análise ocorreu por meio da leitura analítica e interpretativa dos textos, buscando-se identificar convergências, tensões e possibilidades que emergem dos estudos revisados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em muitas escolas, o conteúdo matemático é transmitido de maneira descontextualizada, ignorando as experiências concretas dos estudantes. Essa descon sideração da realidade social e identitária dos discentes contribui para o afastamento de grupos historicamente marginalizados, que não se reconhecem no currículo tradicional (Fonseca, 2022, p. 6).

A literatura aponta que a invisibilidade das questões raciais, por exemplo, perpetua a crença na supremacia de determinados grupos étnico-raciais, principalmente quando associada à ideia de excelência acadêmica como atributo inerente à branquitude (Gomes, 2021, p. 4). No âmbito da sexualidade e do gênero, estudos destacam a ausência de uma abordagem pedagógica que reconheça corpos dissidentes e subjetividades não normativas (Barros, 2020, p. 107), o que favorece a permanência de discursos discriminatórios em sala de aula.

Contudo, também foram identificadas experiências exitosas e práticas pedagógicas que rompem com a lógica tradicional e promovem uma educação matemática inclusiva. Professores e professoras que adotam metodologias interseccionais relatam maior engajamento dos estudantes e melhora na aprendizagem, sobretudo entre aqueles que antes se sentiam à margem do processo educativo (Silva, 2024, p. 652). Essas abordagens valorizam o contexto dos sujeitos, relacionando o conteúdo matemático com questões sociais, históricas e culturais.

Nesse cenário, a formação docente aparece como elemento central. Educadores que têm acesso a formações continuadas em temas relacionados à diversidade demonstram maior disposição para revisar suas práticas e buscar alternativas mais inclusivas (Sousa, 2023, p. 8). Ainda assim, a ausência dessas temáticas nos cursos de licenciatura compromete a capacidade de intervenção dos futuros professores.

Por fim, destaca-se a necessidade de um movimento institucional que apoie essas iniciativas e as integre ao projeto pedagógico da escola. A interseccionalidade não pode ser tratada como um elemento pontual, mas como uma dimensão estruturante da prática pedagógica. Isso implica o compromisso coletivo de toda a comunidade escolar com a promoção de uma educação antirracista, de gênero e antidiscriminatória.

## CONCLUSÃO

A partir da análise desenvolvida, conclui-se que o ensino de Matemática, quando desvinculado das questões sociais, contribui para a manutenção de desigualdades históricas. A crença em uma neutralidade do saber matemático tem ocultado processos de exclusão simbólica, especialmente de sujeitos negros, mulheres e pessoas LGBTQIA+, que seguem sub-representados nos espaços de destaque acadêmico e profissional. O reconhecimento das interseccionalidades no ambiente escolar permite desvelar esses mecanismos e construir alternativas pedagógicas mais sensíveis às diferenças.

As evidências reunidas nesta pesquisa demonstram que práticas pedagógicas embasadas na interseccionalidade favorecem o pertencimento, a autoestima e o desempenho dos estudantes. Tais práticas passam pela valorização das experiências dos sujeitos, pela contextualização crítica dos conteúdos e pelo comprometimento com uma educação mais justa. É fundamental que a formação docente e os currículos escolares assumam a responsabilidade de promover a equidade e combater as violências simbólicas presentes no cotidiano escolar.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Juliano. Por uma Educação Matemática desviante das (cis-hetero) normas: um estado da arte sobre pesquisas que relacionam Educação Matemática e pessoas LGBTI+. *BOLEMA*, Rio Claro, v. 34, n. 66, 2020.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/bolema/a/gpNsVNbCWFB9R5JWMMVHsvG/>. Acesso em: 26 mar. 2025.

ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição (Org.). *Estudos de gênero e sexualidades em educação matemática: tensionamentos e possibilidades*. Brasília, DF: Sociedade Brasileira de Educação Matemática, 2022. Disponível em: <https://www.sbembrasil.org.br/ebook/ebook28.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2025.

FONSECA, Maria da Conceição; SOUZA, Maria Celeste. Gênero e Matemática: cadeias discursivas e produção da diferença na Educação Matemática. *BOLEMA*, Rio Claro, v. 36, n. 72, 2022.

GOMES, Maria de Lourdes. Estudos e pesquisas sobre educação, raça, gênero e diversidade sexual. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 26, 2021. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/372038525\\_ESTUDOS\\_E\\_PESQUISAS\\_SOBRE\\_EDUCACAO\\_RACA\\_GENERO\\_E\\_DIVERSIDADE\\_SEXUAL](https://www.researchgate.net/publication/372038525_ESTUDOS_E_PESQUISAS_SOBRE_EDUCACAO_RACA_GENERO_E_DIVERSIDADE_SEXUAL). Acesso em: 26 mar. 2025.

GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, O. R. Z. (Org.). *Fuxico: uma maneira lúdica de contribuir para o aprendizado das questões de gênero, sexualidades e raça/etnia*. Florianópolis: Editora Copiart, 2013.

GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, O. R. Z.; GRAUPE, M. E. (Org.). *Desafios da formação em Gênero, Sexualidade e Diversidade Étnico-raciais em Santa Catarina*. Tubarão: Copiart, 2014.

GROSSI, Miriam Pillar; UZIEL, A. P.; MELLO, L. (Org.). *Conjugalidades, Parentalidades e Identidades Lésbicas, Gays e Travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

NETO, Vanessa; PINHEIRO, Weverton Ataíde. A questão de gênero em livros didáticos de matemática: uma comparação entre materiais do Brasil e dos Estados Unidos. *Revista de Investigação e Divulgação em Educação Matemática*, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 1-21, 2021.

SANTOS, José Manoel dos. Gênero na matemática escolar: um ato de resistência política. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 45, n. 3, 2020. Disponível em: [https://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1983-17302020000300979&script=sci\\_arttext](https://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1983-17302020000300979&script=sci_arttext). Acesso em: 26 mar. 2025.

SILVA, Glauber Carvalho da; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. Estudos de gênero e sexualidades em educação matemática no Brasil: indícios da consolidação de um campo. *Revista Diversidade e Educação*, Itabaiana, v. 12, n. 2, p. 645-665, 2024.

SOUSA, José Jorge de; ARAÚJO, Amanda Lima; SILVEIRA, Adriano Alves; ANDRADE, Silvanio de. Identidade e poder: reflexões sobre gênero e sexualidade na Educação Matemática a partir da Exploração-Proposição-Resolução Multicontextual Crítica de Problemas. *Revista Paranaense de Educação Matemática*, Maringá, v. 17, n. 47, 2023.

TREVISAN, Andreia Cristina Rodrigues; DALCIN, Andréia. Um olhar sobre as questões de gênero em livros didáticos de Matemática. *Revista Educação*, São Paulo, v. 7, n. 14, 2018.